

INTERROGATÓRIOS

RUBEM BRAGA

UM SR. REGISTO Domenicali, de S. Paulo, denunciou alguns líderes sindicais e alguns funcionários por crime de corrupção. Entre os denunciados está um general, o sr. Moacir Gaia, Delegado Regional do Trabalho em São Paulo.

Um jornal diz, gravemente, que o general Gaia foi o primeiro dos acusados a ser ouvido pela Comissão de Inquérito instaurada no Ministério do Trabalho. E acrescenta que «o depoimento do general Gaia foi tomado, pelo telefone, pelo próprio presidente da Comissão, sr. Ildélio Marrins, durante cerca de 45 minutos.» Esse interrogatório pelo telefone é, sem dúvida, uma bossa nova; para o acusado é, evidentemente, muito mais cômodo. Não sei, porém, se só se aplica a general. Ficamos sabendo pelo mesmo jornal que o uso do telefone em interrogatório continua em vigor, mas se trata de «telefone», assim entre aspas: a tortura que consiste em dar tapas fortes com as duas mãos em concha ao mesmo tempo nos dois ouvidos do interrogado. Aplicado a um operário estofador pelo capitão José Ribamar Zamith, comandante de uma Companhia de Polícia do Exército, esse «hábil interrogatório» resultou no rompimento de um tímpano.

Não proponho que se encarregue esse sinistro capitão Zamith de interrogar o general Gaia; nem mesmo que se interrogue por esse processo o próprio capitão Zamith, que está sendo processado por esse e outros crimes. O uso da tortura é uma covardia indigna não somente da farda de um oficial como da honra de qualquer homem. Corrupto ou não, o general Gaia merece o mesmo respeito devido a qualquer ser humano.

Mas sempre convém assinalar, como sinal dos tempos, essas aspas que fazem a diferença entre o telefone no interrogatório de um estofador e de um general...

DN 30.12.67

417